

## Reseña

---

### **The Archaeology of the Upper Amazon: complexity and interaction in the Andean Tropical Forest**

Ryan Clasby & Jason Nesbitt, editores (2021). *The Archaeology of the Upper Amazon: complexity and interaction in the Andean Tropical Forest*. Gainesville: University Press of Florida. 328p. ISBN 13: 9780813066905.

**Felipe Vander Velden**. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). felipevelden@yahoo.com.br

Nas últimas décadas, como se sabe, a arqueologia amazônica vem produzindo notáveis reviravoltas no conhecimento disponível sobre a história antiga da América do Sul, revisando com propriedade – e, em muitos casos, invertendo vetores –, por exemplo, a velha noção de que, na Amazônia nada se inventava, e tudo se copiava da região andina adjacente que, por sua vez, havia importado seu desenvolvimento cultural das terras baixas do litoral do Pacífico. Da mesma forma, análises arqueológicas, antropológicas e etnohistóricas mais e mais aprofundadas vêm, faz algum tempo, demonstrando a riqueza dos pontos de contato entre a floresta tropical e a zona montanhosa que correm por cerca de cinco mil quilômetros entre o noroeste da Venezuela e o centro-sul da Bolívia. Esta coletânea, organizada pelos arqueólogos Ryan Clasby e Jason Nesbitt, congrega o que há de mais recente em torno desses dois conjuntos de avanços teóricos. Explorando a região da Alta Amazônia compreendida, principalmente, entre os rios Santiago, Marañón, Huallaga e Ucayali (nas repúblicas do Equador, do Peru e da Bolívia) como *loci* de complexas formações sociais, centro de extensas redes de intercâmbio intra e interregional e importantíssimo nexos de articulação entre Andes e Amazônia no longo período compreendido entre o início do terceiro milênio a. C. e o império Inca no século XVI d. C., o livro aponta, como outros já o fizeram, que não se pode compreender o oeste sem olhar para o leste, e vice versa, no continente sul-americano.

Os 14 capítulos da obra retomam, à luz de novos dados de pesquisa, a última grande síntese da *longue durée* regional, feita por Donald Lathrap ainda nos anos de 1970 e de Julio C. Tello, pai da arqueologia peruana, décadas antes. Seguem, contudo, o caminho aberto pelo influente *The Upper Amazon*, de Lathrap, ao focalizarem os temas da interação e da complexidade – e, com isso, retomarem discussões que, recusando o que Eduardo Viveiros de Castro chamou de ilusão presentista, advogam, fazendo coro a outros trabalhos, por uma Amazônia antiga de sociedades complexas, grandes centros urbanos,

arquitetura monumental, altas densidades populacionais e organizações sociais hierarquizadas, além de território cortado por amplos circuitos de interações e intercâmbios entre áreas distantes e diferentes ecótonos. A própria noção de Alta Amazônia, aqui, refere-se a um imenso território que vai dos contrafortes orientais da cordilheira até o ponto onde o rio Madeira deságua no Amazonas, uma vez que o fenômeno – geográfico mas, daí, também histórico e sociocultural – que está no centro da proposta é o sistema de tributários do grande rio que nascem nas terras altas e correm para as terras baixas, do ocidente para o oriente. Não obstante, os textos reunidos neste volume abordam, em sua grande maioria, contextos situados na chamada *montaña* ou *selva de ceja*, no extremo ocidente da floresta tropical, hot spot que abriga um dos mais ricos inventários da biodiversidade no planeta. O recorte, claro, é arbitrário (assim como o é, evidentemente, a fronteira entre o leste dos Andes e o oeste da Amazônia), mas corresponde, grosso modo, à divisão usual, por vários propósitos – incluindo as dinâmicas de ocupação e exploração mais recentes –, entre o oeste e o leste amazônicos. Privilegia-se, assim, uma relação longitudinal, tomando-se o Amazonas como eixo de investigação e reflexão, escamoteando-se, até certo ponto, as relações entre o sul e o norte da região, que parecem oportunizar questões de natureza distinta, fundadas na distância tanto espacial como etnográfica entre o escudo das Guianas e as bordas onde a floresta encontra os cerrados do centro brasileiro e do Gran Chaco. Em algum momento haver-se-á de integrar os dois eixos – leste-oeste e norte-sul, e suas correspondentes subdivisões – em um amplo trabalho sintético que reflita não apenas sobre as interconexões historicamente verificadas entre as regiões mas também sobre os modos de refletir analiticamente sobre estas mesmas conexões por parte de arqueólogos, antropólogos e historiadores.

Uma sequência cronológica organiza os 12 capítulos centrais do livro, que parte de investigações do período formativo (cerca de 3000-500 a. C.) e chegam até a rede de estradas operadas pelo império Inca e as relações deste com diversos povos nas terras baixas (como os Tupiguarani no oriente boliviano) já às vésperas da invasão espanhola no século XVI. Completam a obra uma introdução, que sumariza a importância da região para a arqueologia e a história cultural da América do Sul e o conteúdo do livro, e um excelente e bastante informativo capítulo final, escrito pelo célebre arqueólogo Warren DeBoer (falecido em 2020), que discute criticamente as evidências arqueológicas regionais em relação a novos avanços em paleoclimatologia, paleodemografia, geografia, genética, biologia e linguística histórica – incluindo as promissoras análises de DNA antigo – e aponta para as vias futuras da pesquisa nesta área. Sempre, como frisam os editores do volume, em estreita colaboração com os povos indígenas que ali vivem e que sofrem com as iniquidades do desenvolvimentismo acrítico e com a pouca atenção por parte de governos e sociedades nacionais, da mesma forma que a pesquisa arqueológica regional.

De um modo geral, o livro mira o ocidente, refletindo sobre as expansões andinas – territoriais, políticas, culturais, comerciais e outras – por sobre o terrenos das florestas de altitude que descem para o extremo oeste amazônico e os múltiplos contatos entre o litoral do Pacífico, o altiplano e a Amazônia a leste dos Andes a partir de uma mirada arqueológica. Com isso, seguem os rastros revolucionários de Tello e Lathrap na sugestão da centralidade das terras baixas do leste dos Andes na constituição das civilizações do altiplano. Deste modo, sua relevância para um antropólogo amazonista, tal como este que resenha o volume, pareceria menor, à primeira vista – a rigor, apenas os capítulos 7 (E. Pazmiño), 13 (S. Alconini) e principalmente 14 (W. DeBoer) relacionam textualmente as questões alto-amazônicas com os panoramas arqueológicos pan-amazônico ou pan-sul-americano mais gerais. Contudo, parece-me que olhar para esta zona de interseção entre as terras altas e as terras baixas – florestas de altitude, como que um híbrido entre o alto e o baixo – é de suma importância para qualquer pesquisador ou pesquisadora consciente de que a América do Sul era constituída, antes da cataclísmica conquista europeia, de uma imensa malha de formações sociais interconectadas que cobria o subcontinente de norte a sul, e o vinculava, inclusive, às Américas Central e do Norte por múltiplas rotas e variados domínios histórico-culturais, como mostra recente coletânea editada por Ernst Halbmayer sobre os grupos de língua Chibcha que se espalham pelo noroeste sul-americano e o istmo centro-americano.

Qualquer um consciente disso, claro, mas igualmente disposto a compreender a natureza *relacional* das formações sociais historicamente verificadas no continente, pode beneficiar-se dos estudos e reflexões reunidos neste *The Archaeology of the Upper Amazon: complexity and interaction in the Andean Tropical Forest*, que trazem novas e estimulantes perspectivas para quem já se encantara com os achados do já clássico *Al este de los Andes*, monumental compilado etnohistórico das relações entre os Andes e a Amazônia por France-Marie Renard-Casevitz, Thierry Saignes e Anne-Christine Taylor, e que pela primeira vez colocou a fronteira entre as terras altas e as terras baixas no centro das questões antropológicas pertinentes ao conhecimento da história cultural da Amazônia e além. Vale a pena, desta forma, viajar um pouco mais para o poente, por meio desta coletânea de ensaios e resultados de investigações, acompanhando o que a arqueologia tem a dizer sobre esta região de intensas trocas de curto, médio e longo alcances e notável diversidade e complexidade socioculturais que muito podem iluminar as intensas transformações pelas quais passou o Novo Mundo, incluindo suas zonas tropicais, por muito tempo consideradas tão somente marginais diante dos processos de complexificação social que conduziram à formação das civilizações nas mais altas montanhas da região andina e nas planícies costeiras que bordejam o Oceano Pacífico.